

## «CONHECEREIS A VERDADE, E A VERDADE VOS LIBERTARÁ» (Jo 8,32)

### Uma história que continua

## ASSEMBLEIA e SÍNTESE

### Assembleia

com Fabio Colombo, Francesco Barberis e Matteo Seuergnini

**Francesco Barberis.** Bom dia a todos! Gostaria de começar esta Assembleia, no final do Tríduo Pascal, com duas observações. A primeira é: temos necessidade de entender o que estamos vivendo; esta necessidade surgiu em quase todas as contribuições que chegaram. Como disse padre Fabio na quinta-feira à noite «Não podemos permanecer em jejum, precisamos de alimento para saciar a nossa fome», e na Introdução da Via Sacra de ontem Dom Giussani disse: «Antes de começar [também esta Assembleia] peçamos ao Senhor que faz todas as coisas, ao grande Pai, a origem de tudo e, portanto, a origem deste breve instante de pensamento, de sentimento, de desejo que me invade, peçamos a Deus a graça de entender, de compreender sempre mais, que o nosso coração compreenda sempre mais».<sup>1</sup> Esta é a primeira coisa que eu gostaria de compartilhar com vocês no início desta manhã.

E a segunda, que surgiu tantas vezes durante estes dois dias é uma gratidão, uma gratidão imensa por todas as perguntas que vocês enviaram, pela verdade e profundidade delas. Ontem à noite, lendo-as com alguns amigos, era evidente a gratidão por cada um de vocês, cada um. Vocês são únicos, são irrepetíveis, há uma grandeza em cada um de vocês que é realmente comvente.

Bem, agora vamos iniciar a Assembleia. Para começar, escolhemos algumas perguntas que abordam temas semelhantes. São quatro temas. O primeiro diz respeito à necessidade de reconhecer a presença do Senhor pelos sinais e, juntamente com isso, a necessidade de uma razoabilidade no crer e um uso diferente da razão.

**Colocação.** Minha pergunta é: gostaria de olhar para todas as coisas e ser grata por elas como no exemplo que o padre deu do copo e de saber quem o colocou lá, o que há por trás de um gesto ou de um objeto. Mas, como faço isso? Devo me deter sobre cada coisinha?

**Colocação.** Foi dito: «Ame a verdade mais do que os seus esquemas». Eu sou muito rigoroso e esquemático, e ontem fiquei surpreso porque não pensei nem por um instante em como as coisas deveriam se dar, não era eu que controlava a situação, estava totalmente imerso, não estava preso nos meus esquemas, tudo estava bem para mim. Então, a minha pergunta é: o que tornou isso possível?

**Fabio Colombo (padre Fabio).** Obrigado aos dois. Vocês estão vendo que as perguntas que surgem no coração e na razão de uma pessoa, de um jovem, podem ser a possibilidade »

<sup>1</sup> Do livreto utilizado durante o Tríduo de GS, pp. 22-23.

» para que os outros também recuperem as passagens, ou deem passos, ou sejam atraídos novamente por um conteúdo que talvez tenham deixado passar. Então, até uma frase muito simples: «Se aqui há um copo (é um pedaço de realidade real, tangível, concreto), significa que alguém o colocou ali», transforma-se numa pergunta: «Devo me deter sobre cada coisinha?». Não é que você *deva* se deter sobre cada coisinha, é que a nossa razão, quer dizer, o motor com o qual “funcionamos”, requer, exige, incessantemente, a *razão* de tudo; então pergunto «Por que me levanto de manhã?», depois me apaixono e pergunto «O que é o amor?», depois uma pessoa morre e pergunto «O que significa morrer?» e, depois, «O que significa viver?» e, depois, «O que significa que tenho apenas uma vida?». Não é tanto um esforço que devemos fazer servilmente, mas é um “não refrear” uma dinâmica inerente a nós enquanto homens, ou seja, se o motor está funcionando e eu não giro a chave para desligá-lo, o motor continua funcionando; ou seja, a nossa razão, quando se depara com a realidade, quando sofre o impacto da realidade, é posta em movimento. Portanto, é preciso que a nossa liberdade esteja escancarada, que não a deixemos impermeável! Ontem, na última estação da Via Sacra, quando voltamos ao local de onde tínhamos partido (mas também na caminhada de uma estação a outra) foi comovente e também surpreendente ver não só o rosto de vocês, mas também o das pessoas que nos encontravam: o que elas viam? Viam pessoas, porém pessoas que se comportavam de uma certa maneira, voltadas para algo que estava acontecendo, estavam unidas, ouvindo músicas ou em silêncio; também viam a cruz suspensa por um jovem e, na frente e atrás, havia um povo inteiro caminhando. Então, conforme esse corpo e esse pedaço de realidade se movia pelas ruas daquele vilarejo, aquelas pessoas devem ter se perguntado: «Mas o que é isso?! Que realidade é esta que está diante dos meus olhos?». É claro que de um modo geral as pessoas sabem, é uma Via Sacra... mas o que é que move, que leva 3600 jovens a se reunirem durante três dias em Rímíni para ficar em silêncio, para ouvir alguém falar, para apreciar a beleza das músicas, para ver Jesus se ajoelhar diante de doze pessoas para lavar e beijar seus pés? Aquelas pessoas que ontem viram esse fato real (a nossa Via Sacra) não puderam interromper o impacto causado por aquele pedaço da realidade, porque a razão é feita assim, é exigência de significado, não desiste, não para enquanto não tomar consciência da realidade na totalidade dos seus fatores, enquanto não conhecer. Alguém poderia dizer: «Eles devem todos estar sendo “teleguiados”, como pequenos robôs», mas não me parece que seja o caso de vocês. Outra pessoa poderia dar outra explicação e dizer: «Os pais deles pagaram para estarem ali», no entanto, é exatamente o contrário: vocês escolheram estar aqui, livremente. Então, a razão daquelas pessoas que ontem encontraram esse Corpo que se movia deve aceitar (não no sentido de obrigação, não porque eu digo «Devem aceitar», mas porque a razão não se satisfaz até encontrar uma resposta exaustiva): «Quem são essas pessoas? O que estão fazendo?». Até que a razão não encontra uma explicação que abranja a totalidade dos fatores, ela permanece como se estivesse de boca seca. Se elas tivessem nos perguntado: «Por que vocês estão aqui?» ...como alguém do serviço de ordem me disse hoje no café da manhã: Sabe, padre Fabio, fazendo o serviço de ordem, encontrei o bombeiro, o policial, o motorista do ônibus, e uma pessoa que perguntou: «O que é que vocês estão fazendo?» – ou seja: qual é a razão exaustiva, qual é o motivo que abraça e mantém unido tudo o que estou vendo diante dos meus olhos? – e ela, do serviço de ordem, disse com muita franqueza: «Jesus morreu na cruz há dois mil e vinte e três anos...», porém, não só morreu, «também ressuscitou e a partir da Sua ressurreição nasceu um povo e nós, hoje, fazemos memória do sacrifício que Jesus fez por cada um de nós». A pessoa que usa a razão terá de aceitar essa explicação exaustiva, essa explicação exaustiva de que há Alguém que moveu 3600 jovens!

E, se me derem mais um minuto, tomo a liberdade de dizer mais duas coisas. A primeira: outro dia eu disse esta frase: «a diferença está no uso da razão, não se eu vou à igreja e o outro não». Muitos de vocês disseram: «Os meus colegas de classe não vão à igreja, não são »

» religiosos, não posso convidá-los para vir aqui». Eu citei essa frase para dizer que o ponto comum entre mim e os meus colegas de futebol, entre mim e os meus colegas de escola é que eles, assim como eu, têm uma razão e, portanto, posso apelar para a razão deles; assim como procuro dar a razão daquilo que vivo, eles também são predestinados ao encontro com Cristo e eu estou a serviço disso. Depois, retomem a palestra de ontem de manhã e sobretudo *O senso religioso*, assim vocês se aprofundarão! Estão entendendo? Eu tenho uma exigência de significado da vida, e meu colega também tem a mesma exigência de significado, de entender por que está no mundo. Mas, pode ser que ele esteja numa fase totalmente diferente da sua vida, talvez esteja se perdendo atrás dos entorpecentes, ou talvez esteja apaixonado pelo futebol como se fosse o único horizonte da vida, talvez tenha suas dores, talvez “seja louco” por moda e só pense em roupas, quem sabe... Isso não é um juízo sobre essa pessoa, é simplesmente para dizer a cada um de nós: «Olha, você pode entrar em diálogo com qualquer pessoa (quer ela vá à igreja ou não!)». A palavra diálogo, etimologicamente, tem a seguinte estrutura: *dia-logos*, ou seja, é formada pela partícula *dia*, entre-atraves, e *logos*, razão, pelo menos duas, a minha e a do meu colega de futebol ou de escola ou da minha companheira de dança ou de vôlei – o sintagma *logos*, em grego, é riquíssimo: palavra, discurso, razão –: eu, com a minha razão, com o meu coração, entro em relação, através da razão, com aquele amigo que possui a mesma razão que eu e tem o mesmo coração que o meu e, por isso, a partir disso e do que vi, posso dizer: «Em Rímini descobri coisas esplêndidas, e compartilho com você, mas não porque “eu sou de igreja e você não é”, mas porque você e eu temos a mesma estrutura, somos feitos da mesma massa, somos feitos do mesmo reagente e estamos à espera de encontrar e de conhecer o outro reagente que faz explodir a minha e a sua vida. Por graça, eu já o conheço um pouco, venha e veja!». Não sei se vocês têm aula de Química, porém só existe uma reação que faz “explodir/florescer” o meu reagente. Há dois agentes: o agente A e o agente B que se encontram e, se houver certas combinações, ocorre a floração, – *bum!* Pois bem, eu e meu amigo de escola somos feitos da mesma maneira, eu e meu amigo de classe somos feitos da mesma maneira, eu e meu amigo de futebol somos feitos da mesma maneira e, por isso este ano somos 3600, mas no próximo ano poderemos ser 7200 porque cada um pode convidar um amigo, e ele poderá convidar outro colega dele, esse outro convidará outro colega, comunicando a ele o que fez “explodir” a sua vida. Era isso o que eu estava tentando dizer com a distinção – digamos assim – entre “igreja e não-igreja”. Dom Gius diz: todo homem tem o senso religioso, mas o que significa que tem o senso religioso? Que é dotado de razão, que é dotado de coração, o seu coração deseja o bem, a sua razão deseja a verdade assim como eu e, portanto, busca uma realização exaustiva, não parcial! O senso religioso está no nível dessas perguntas inevitáveis, no nível em que o homem espera uma resposta *exaustiva* a essas perguntas. Então, todo homem, sendo tal, é religioso! Espero que isso ajude a entender um pouco melhor...

Gostaria de dizer uma última coisa e, depois, me calo. Houve também uma pergunta sobre o Espírito Santo. A razão exaustiva, o motivo exaustivo que reúne 3600 pessoas não pode ser apenas a resposta a um comando: «Vão acontecer os Exercícios em Rímini. Bom, eu vou», como se fôssemos robôs (como eu disse antes) que recebem um input e, automaticamente, realizamos uma ação; não, estão implicados a nossa liberdade, a nossa razão e o nosso afeto, mas nesse espaço se insere a ação do Espírito Santo, nós somos con-vocados. A etimologia da palavra Igreja em grego é *ἐκ-κλησία*, ou seja, chamados a, somos con-vocados. E quem é, qual é a “cadeia” – digamos – que nos precede, que nos atrai, que atravessa cada um de nós e nos con-voca a todos, unindo-nos no Povo de Deus, no Corpo de Cristo, no Movimento? A ação do Espírito Santo que nos atrai para o Pai, tornando-nos filhos no Filho. O Espírito Santo é a força divina que atravessa cada um de nós, assim como entrou em Maria e, entrando em nós, nos torna como as células de um único organismo; senão, um pedaço »

» estaria aqui, outro pedaço estaria ali, mas seria um corpo deformado, no entanto, o Espírito Santo é aquele que cria a harmonia. O Papa Francisco sempre diz: o Espírito Santo é Aquele que cria a harmonia, é o “simbolizador universal”. A palavra símbolo, *συμβάλλω*, significa «lançar-unir-conjunto». Quem é que une todos os pedaços do corpo que somos? Quem é que une aquele pedaço do corpo que está em Rímni, que está em Bolonha, que está em Turim, que está em Milão, que está na Puglia, quem? Quem é que nos mantém juntos, que nos une? O Espírito Santo. Não pode ser apenas a simpatia que tenho por Francisco ou a estima que tenho por Davi. Sim, seguramente há isso também, mas, de modo mais profundo, o Espírito Santo.

**Matteo Severgnini (Seve).** Sobre a pergunta do rapaz que disse: «Eu sou muito rigoroso e esquemático e ontem fiquei surpreso porque [...] não era eu que controlava a situação, estava totalmente imerso, não estava preso nos meus esquemas, mas tudo estava bem para mim». Quem sabe quantos de nós já fizemos essa experiência! E isso, na minha opinião, é um belo testemunho do título “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Quantos de nós fizemos essa experiência nestes dias? Quantos? Primeiro, estamos cheios dos nossos esquemas e depois algo acontece, alguém que nos liberta dos nossos projetos e há um abandono, uma dependência. Van Thuan, aquele bispo que ficou preso durante treze anos, nove dos quais no isolamento, disse: «O umbigo, que parece não servir para nada, é sinal indelével de uma verdade total: pelo menos uma vez na vida dependi totalmente, dependi totalmente». Nossos esquemas desmoronam quando uma grande verdade acontece diante dos nossos olhos, da qual começamos a depender. Nossa natureza é revelada: somos dependência, e é por isso que somos livres. Parece um paradoxo, mas é exatamente o que nosso amigo nos testemunhou com a sua pergunta.

**Barberis.** O segundo tema, que apareceu em muitas perguntas, é simples: como a experiência que estou vivendo pode permanecer?

**Colocação.** Padre Fabio disse que é preciso fazer uma experiência, mas que ela não pode ser “produzida” por mim porque é Deus que vem até nós. E como posso fazer sempre essa experiência? Porque, aqui eu sinto uma comunhão com Deus, mas quando voltar para casa e para a escola não a sentirei mais, então como posso alimentar a comunhão com Deus na vida cotidiana?

**Seve.** Obrigado. Como vocês podem ver, a dissecação que padre Fabio fez ontem nesta mesa de mim e de Francesco foi bem-sucedida. Ainda estamos vivos e estamos aqui... Afora isto, gostaria de retomar a primeira pergunta que nos marcou muito, pois acho que é um dos desejos mais profundos de todos nós: como a comunhão com Deus pode permanecer sempre, em todos os momentos? Na primeira noite, fui fulminado pela história que Davide nos contou, porque essa comunhão tem o “tempo da eternidade”; a comunhão, a aliança que Deus faz com você e comigo é uma aliança que tem o “tempo da eternidade”. Jeremias (um profeta de que gosto muito) conta que Deus lhe disse: «Com amor eterno eu te amei, por isso te atraí com misericórdia!» (cfr. Jr 31,3). O que é a comunhão de Deus? Ele é aquele que desde a eternidade busca o seu coração, busca-o – como Davide e padre Fabio nos disseram na primeira noite –, gerou toda a história para vir bater à porta do meu e do seu coração, porque fez uma aliança com você, o deseja, deseja o seu coração. Mas o impressionante é que deseja o seu coração, deseja você, e o coloca num fluxo, numa história; como dissemos na introdução deste Tríduo: «Olhem para nós, olhem para vocês, Ele os colocou em uma história, os colocou em uma companhia, os colocou em uma comunhão». E é uma cadeia ininterrupta »

» de pessoas conquistadas que por causa do coração que explodia, começaram a dizer: «Eu sou amado. Encontrei a verdade e a verdade me libertou». É uma cadeia ininterrupta de testemunhas que gerou um povo, uma comunhão viva, que chegou à mãe de Giussani, que a transmitiu a Giussani, que a transmitiu ao padre Fabio Baroncini, que a transmitiu ao padre Fabio, que a transmitiu a vocês. E, diante disso, a pessoa diz: «Mas esta comunhão... como posso confiar em padre Fabio?». Há duas condições. 1) encontrar alguém que saiba o que está dizendo porque fez um encontro. 2) que lhe queira bem (que não quer te enganar!). A cadeia de testemunhas sempre teve essas duas condições. Tentem pensar nos amigos de vocês que estão aqui, nos adultos que os convidaram para estarem aqui: eles são testemunhas confiáveis. Dom Giussani dizia que a nossa vida é como um fluxo, um rio, que tem duas margens para guiar o seu movimento, o seu fluxo: a primeira é a oração, a mendicância. Sob este ponto de vista, a Igreja é mãe: a liturgia, os sacramentos, o Bispo que veio nos saudar esta manhã. A segunda margem é uma companhia, a companhia onde Deus coloca você, Ele o escolhe, você e outros. E essa companhia visível, objetiva, interpela e entra no coração. Estas são as duas margens que asseguram a nossa comunhão com Deus.

Dou dois exemplos muito rápidos. Há muitos anos, quando encontrei GS, ouvi falar de São Francisco Xavier, que é o patrono das missões da Europa. Ele foi enviado à China – à China! – para evangelizar a Ásia, e seus amigos lhe escreviam cartas que, à medida que ele se deslocava a lugares mais distantes, chegavam cada vez com mais atraso, às vezes até depois de um ano. Ele lia as cartas de seus amigos e depois, visto que viajava muito e não podia guardar todas elas, recortava os nomes dos amigos e os colocava no bolso perto do coração. Quando o encontraram morto, encontraram muitos nomes dos seus amigos ali, próximos ao coração, porque vivia continuamente em comunhão com aqueles que viviam com ele a experiência grandiosa do amor de Deus. Quando você vai jogar tênis, quando está na aula, quando está fazendo uma prova ou uma pergunta, todos esses amigos estão aqui (no seu coração), porque eles são a maior ajuda para fazer memória de quem está nos tomando. E, além disso, há momentos que nos ajudam nesta memória contínua: pensem na possibilidade de rezar o *Angelus* de manhã juntos na escola, começar o dia com a memória de que não estamos sozinhos, pensem na Escola de Comunidade, no Raio, na possibilidade de se encontrarem nos corredores, basta um olhar para dizer: «Você é meu, você é o rosto com que o bom Deus – que tem uma aliança comigo – se faz presente agora». Não é uma beleza poder se encontrar continuamente assim e não se sentir mais sozinhos porque o coração foi conquistado!? Pois bem, estas são as duas margens: de um lado, a oração, porque somos feitos para pedir o significado da nossa vida, d'Aquele que já nos alcançou e, do outro, uma grande companhia, como foi descrita na primeira noite.

Pensando nessa questão, lembrei-me de uma das mais belas páginas da literatura mundial, lembrei-me do *Inominado*, de Manzoni: o *Inominado*, durante a noite terrível em que Dom Rodrigo lhe levou Lucia e encontrou o seu olhar, fica atormentado, não consegue adormecer e de manhã cedo, na rua, ouve uma voz e vai encontrar o Cardeal Federigo, razão pela qual o povo estava em festa. O *Inominado* se sente atraído pelo cardeal e quando está na sua presença sente-se totalmente abraçado. Nesse abraço, envolto nesse amor total, imerecido, «seus olhos, que desde a infância não conheciam as lágrimas, incharam; quando as palavras cessaram, cobriu o rosto com as mãos e deu como última e clara resposta uma torrente de pranto».<sup>2</sup> E Manzoni nos diz que nesse momento nos conhecemos (!), porque a promessa da comunhão com Deus nesta companhia é nos conhecermos. No final desse comovente encontro, Manzoni continua: «Aproximou-se [o cardeal Federigo] do *Inominado* e com ar de confiança espontânea, que existe tanto em uma nova e poderosa amizade como em uma »

<sup>2</sup> A. Manzoni, *Os Noivos*, Nova Alexandria, São Paulo, 2012, Cap XXIII

» antiga intimidade, disse: “Não acredite que eu me contente com apenas esta visita hoje. O senhor voltará com esse bom eclesiástico, não é mesmo?”. “Se voltarei?”, respondeu o Inominado. “Se o senhor não me receber, ficarei obstinado à sua porta como um mendigo (a oração). Preciso falar com o senhor! Preciso vê-lo, preciso ouvi-lo! Preciso do senhor (a companhia)!”».<sup>3</sup> Nós, mendicantes desta companhia, desta comunhão, porque Ele é mendicante, através desta companhia, do meu coração. Não sei se dá para entender.

**Barberis.** Muitos de vocês constataram que a relação entre o encontro e a experiência de libertação descrita pelo padre Fabio (libertação das imagens que se faz de Deus, libertação da *performance*, etc.) não é mecânica, nem automática.

**Colocação.** Normalmente sou escrava das coisas e acho que a minha vida é uma *performance* ou aquilo que sou capaz de alcançar, no entanto, há certos momentos em que experimentei que sou amada. Quero poder viver esse amor em toda a minha vida, também nas situações do dia a dia. Mas como isso é possível?

**Seve.** Obrigado. Eu começo, depois o padre Fabio dirá alguma coisa.

**Padre Fabio.** Por favor!

**Seve.** Você disse: «Escrava das coisas, escrava dos resultados, escrava da *performance*, escrava da imagem que tenho de mim e da imagem que os outros têm de mim». Eu também poderia estar aqui, agora, preocupado com a minha *performance*: vocês não imaginam como sou agitado, por exemplo! Mas a preocupação de conseguir fazer as coisas bem, de “ser capaz”, ou seja, de conseguir colocar amor no que fazemos, ou mesmo estar “preocupados com o resultado” não é errado, porque é sinal de que “nos importamos” com o que fazemos. Queremos que, quando estudamos, cheguemos a algum bom resultado, porque amamos o que estamos fazendo, e isso é bom e correto. Mas surge um medo em nós, que é o medo do fracasso. Às vezes, o resultado é menor do que o que gostaríamos de alcançar. Claro, às vezes falhamos (às vezes conseguimos menos do que pensávamos obter), mas o verdadeiro medo surge porque muitas vezes pensamos que o nosso fracasso coincide com o fato de sermos um fracasso, e isso é uma mentira, esta é a mentira! Não somos o nosso fracasso, queremos viver e viver bem e, se falharmos, devemos ter em mente que não somos fracassados. Nós nos diminuiríamos, operaríamos uma redução total de nós mesmos, porque não somos o fracasso. É por isso que somos escravos da *performance*. Pensamos que ter sucesso, ou pior, que falhar nos define. Isso não é verdade! Somos mais do que o fracasso. Nos dez anos em que morei na África, ouvi a Rose repetir não uma, não duas, mas bilhões de vezes: «Você tem um valor infinito!», e nesses dois dias e meio fui olhado exatamente assim: pelo valor, pelo valor infinito que eu sou. Lembro-me (desculpem, usarei um minuto para dar um exemplo real) que em 2012, quando me mudei para a África, conheci alguns italianos exilados. Fomos tomar uma cerveja e eles disseram: «Sabe, Seve, aqui na África existem dois tipos de exilados (ou seja, que vêm para cá): o primeiro tipo são os entusiasmados, que têm muitas ideias, muitos projetos com a intenção de salvar a África. E, depois, há os cínicos e os céticos, que são os entusiasmados depois de um ano porque viram que com todas as suas ideias, com todos os seus objetivos não conseguem fazer nada!». Por graça, eu não levei um ano para passar do entusiasmo ao ceticismo, levei três meses, porque todas as metas que eu tinha estabelecido – todas! – não se realizavam, e comecei a dizer: «Caramba, sou inadequado, »

<sup>3</sup> *Ibid.*

» não sou capaz. Como vou fazer?!». Ou seja, escravo da minha *performance*. Mas alguns de nós têm um pouco de amor próprio e começam a dizer a si mesmos: «Humm, talvez não seja eu que não sou adequado, talvez sejam os outros que não estão entendendo, talvez sejam os outros que não são aptos», porque cedo ou tarde culpamos os outros. Assim, comecei a ficar cada vez com mais raiva de mim e dos outros, tanto que – juro a vocês – depois de três meses fiz as malas, fui até a Rose e disse: «Rose, a África é maravilhosa, realmente, mas não é para mim, eu errei tudo». A Rose me olhou nos olhos e disse: «Seve, antes de você, muitas pessoas vieram para a África e depois de você muitas outras virão, mas o que eu desejo, o que todos desejam é o seu “sim”, o seu “sim” diante de Deus que está fazendo o seu coração agora. E não aquilo que você acha que é ou não é capaz de fazer. Esta é a maior contribuição que você pode dar ao mundo inteiro, aos seus irmãos e irmãs: o seu “sim”. Mas o “sim” a quê? Ao rosto que o bom Deus está não só te dando, mas escolhendo especificamente para você, para te amar». Então, quando fracassamos, o valor infinito que somos não diminui, porque nós somos este sim, aliás, quando não conseguimos um bom resultado, temos uma grande oportunidade que se expressa numa pergunta: «Se eu não sou a minha *performance*, então quem sou eu?». A pergunta que padre Fabio fez ontem: «O que sou eu?». E, aí, começa a grande aventura da descoberta do verdadeiro conteúdo de si. Quando a Rose me disse: «Eu preciso do seu “sim”», começou a grande aventura de descoberta do meu verdadeiro conteúdo, do verdadeiro conteúdo do meu ser, que é a relação com o Significado. É interessante notar que, mesmo com todos os nossos esforços, dificilmente nos libertamos das nossas medidas, dos fracassos, etc. Devemos deixar entrar um olhar novo, devemos ser capazes de encontrar, reconhecer e desejar, estar disponíveis e seguir o Olhar que entrou na nossa vida e dar-Lhe crédito, dar crédito. E, assim, querer «poder viver esse amor em toda a minha vida, também nas situações do dia a dia» deixa de ser uma ilusão. É impossível eliminar esse desejo do coração depois que o encontramos, e esse desejo se torna pedido a um Tu, àquele que está próximo e que indica, indica um Ponto Objetivo que está fora de você, ao qual dizer sim. Ao seu coração objetivo corresponde algo objetivo que está fora de você, e é isso o que nos liberta. Este é um primeiro esboço. Padre Fabio.

**Padre Fabio.** Retomarei na Síntese.

**Barberis.** Então eu também direi algumas palavras sobre isso, porque enquanto Seve estava falando, lembrei-me daquela maravilhosa oração de Grandmaison, que rezamos ontem durante a Via Sacra: “Forma-me um coração doce e humilde, / que ame sem exigir ser correspondido; / contente em ocultar-se em outros corações, / sacrificando-se diante do Teu Divino Filho; / um coração grande e indomável, / de modo que nenhuma ingratidão possa fechá-lo / e nenhuma indiferença possa cansá-lo». <sup>4</sup> Acho que para não ser escravos ou determinados pelo desempenho, é necessária – como disse Davide no início – a fé, ou seja, a experiência de alguém que nos ama assim como somos, gratuitamente, porque tudo bem sermos como somos. Na outra semana, quando estava em Nisida com os amigos de Nápoles, fiquei muito tocado com um rapaz que contou aos amigos que muitas coisas ruins aconteceram com ele e, depois, parou e disse: «Mas uma coisa boa me aconteceu, ele está sentado ao meu lado (seu professor). Desde que o conheci, sou determinado pelo olhar dele para a minha vida».

Último tema: preferência e missão. Essas últimas perguntas introduzem a síntese de padre Fabio.

**Colocação.** Depois desses dias, uma pergunta surgiu espontaneamente. Vendo todas essas »

<sup>4</sup> L. Grandmaison, *Oração à Mãe de Deus*, Livro das Horas, Companhia Ilimitada, São Paulo, 2016.

» pessoas e a estranha familiaridade entre comunidades diferentes reunidas, pensei que essa familiaridade, fora daqui, é impensável: na assembleia do instituto, com os professores e no bar. Por que, entre sete bilhões de pessoas, eu fui escolhido? Não sei fazer nada, não sei falar. O que eu tenho mais do que os outros? Por que, no mundo, alguns são escolhidos em vez de outros? Obrigado.

**Colocação.** Nestes dias estou ouvindo muitas palavras cuja beleza percebo profundamente, das quais reconheço a verdade e tenho cada vez mais fome de vivê-las. Gostaria de uma ajuda, porque percebo que muitas vezes todas essas coisas grandes e razoáveis permanecem na minha cabeça, mas não se traduzem em entusiasmo pela vida e – em última instância – não me libertam.

Seve. Obrigado.

»

## » Síntese por Fabio Colombo

Para iniciarmos a síntese, introduzida por essas duas perguntas, propomos a música *Vuestra soy*. É uma música cuja letra é de Santa Teresa de Ávila e que descreve a disponibilidade do próprio coração para responder ao chamado de Deus. Enquanto a ouvimos em toda a sua beleza, acompanhemos a tradução.

*Vuestra soy  
Hoy arriesgarè  
Leaning on the everlasting arms*

Obrigado! Essas três músicas expressam de modo sucinto o propósito de fazer a síntese desta manhã: «Minha nova lei é a História que me coube seguir. É grande a Sua misericórdia, mesmo que eu não a tenha merecido» (*Hoy arriesgarè*). Isso nos liberta de qualquer problema, ansiedade ou angústia sobre o nosso mérito... Será que alguém de nós precisou “merecer” que Jesus morresse na cruz, fez alguma coisa? Alguém de nós “mereceu” estar aqui hoje neste mar de beleza e razoabilidade? Alguém de nós “mereceu” encontrar esse Rosto nesta companhia, ouvir Davide na primeira noite, ou a minha Introdução, ouvir as respostas de Seve ou participar da Via Sacra? Quem pode “se gabar de ter méritos”, quem pode se gabar de qualquer coisa? O amor gratuito de Cristo nos precede e, como dissemos ontem na última meditação da Via Sacra: quando Jesus está na cruz de braços estendidos, atrás d’Ele – como na música que acabamos de ouvir – há Alguém (o Pai) que O sustenta, há Alguém que está conosco, atrás de nós, e que nos sustenta, nos conduz, no caminho. O sacramento da Reconciliação é a mão estendida, é a maneira com que Deus estende a mão mesmo quando caímos, somos amados mesmo quando caímos, então, que objeção podemos opor diante de um Amor assim? Que problema ousamos levantar diante de um Amor tão poderoso que nem a queda (que nos machuca, cair dói!) é a última palavra, porque há Alguém que estende a mão novamente e nos faz ressurgir, dizendo: «Eu te absolvo dos teus pecados!». O mal, o erro é “desfeito” e aquele que caiu é levantado novamente e, portanto, não somos mais escravos, condicionados pelo pecado, aprisionados nele.<sup>5</sup> Há uma “medida”, um Amor que é “sem medida, incomensurável”, que se chama Misericórdia que continua a despertar-nos de novo, a nos reerguer, a nos chamar de volta; o que devo temer se há esta Misericórdia eterna que me sustenta também através dos rostos desta compa- »

<sup>5</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1468: «Toda a força da Penitência reside no fato de ela nos reconstituir na graça de Deus, e de nos unir a Ele com a máxima amizade». Portanto a finalidade e o efeito deste sacramento é a *reconciliação com Deus*. Os que recebem o sacramento da Penitência com coração contrito e disposição religiosa «podem usufruir a paz e tranquilidade da consciência, que vem acompanhada de uma intensa consolação espiritual». Com efeito, o sacramento da Reconciliação com Deus traz consigo uma verdadeira «ressurreição espiritual», uma restituição da dignidade e dos bens da vida dos filhos de Deus, entre os quais o mais precioso é a amizade de Deus. N. 1469: Este sacramento nos *reconcilia com a Igreja*. O pecado rompe ou quebra a comunhão fraterna. O sacramento da Penitência a repara ou restaura. Neste sentido, ele não cura apenas aquele que é restabelecido na comunhão eclesial, mas tem também um efeito vivificante sobre a vida da Igreja, que sofreu com o pecado de um de seus membros. Restabelecido ou confirmado na comunhão dos santos, o pecador sai fortalecido pela participação dos bens espirituais de todos os membros vivos do Corpo de Cristo, que estejam ainda em estado de peregrinação, quer já estejam na pátria celeste. N. 1470: Neste sacramento, o pecador, entregando-se ao julgamento misericordioso de Deus, *antecipa* de certa maneira o *julgamento* a que será sujeito no fim desta vida terrestre. Pois é agora, nesta vida, que nos é oferecida a escolha entre a vida e a morte, e só pelo caminho da conversão poderemos entrar no Reino do qual somos excluídos pelo pecado grave. Convertendo-se a Cristo pela penitência e pela fê, o pecador passa da morte para a vida “sem ser julgado” (Jo 5,24).

» nhia, que começa no “ventre” da Trindade, que percorre a história e que me reconduzirá ao Seu ventre, minha origem, minha história e minha realização?

«O que era desde o princípio [é São João Apóstolo escrevendo aos seus futuros amigos, para que mesmo aqueles que chegassem em 2023 pudessem permanecer em comunhão com o Evento originário e que permanece na história], o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam da Palavra da Vida – vida esta que se manifestou, que nós vimos e testemunhamos, vida eterna que a vós anunciamos, que estava junto do Pai e que a nós se manifestou –, isso que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos, para vós estejais em comunhão conosco. A nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Nós vos escrevemos estas coisas, para que a nossa alegria seja completa».<sup>6</sup>

Acho que a Primeira Carta de São João contém a síntese pontual destes dias que passamos juntos e acho que também sugere o ritmo do que nos espera depois que sairmos daqui: tudo o que vi desde quinta-feira à noite, tudo o que comecei a ver nas Férias de inverno em janeiro de 2023, tudo o que comecei a ver na Equipe dos Colegiais de setembro de 2022, tudo o que comecei a ver no último Meeting, «nós vos anunciamos»! Claro que não precisamos entender todo o dia 8 de abril de 2023, é «uma história que continua» e, aos poucos, Deus que é Pai educará cada um dos seus filhos: uma coisa virá à mente de vocês durante as férias, outra será identificada durante a Jornada Mundial da Juventude com o Papa, em Lisboa, neste verão, outra ainda quando vocês entrarem para o CLU, na Universidade, outra quando vocês se casarem, outra quando forem em missão ao Brasil. É preciso tempo para que o Templo se eleve: a Igreja não é construída com um tijolo e está pronta! Um tijolo de cada vez, depois mais um, depois outro e, aí, surge o problema: como fazer a cúpula?? Então, será necessário parar por um momento e refletir e se perguntar: como se constrói a cúpula, o que significa casar-se, o que significa servir a Deus no sacerdócio? Aos poucos, no tempo, as perguntas vão sendo enfrentadas, mantendo-se fiéis a esta companhia! Com o tempo, mas não sendo como as plantas, como os vegetais – como essas plantas que estão aqui no Pavilhão, pobrezinhas, que não conseguem entender o que estou dizendo –, mas um tempo habitado pelo quê?

Pelo *pedido*, como Seve disse há pouco, um tempo habitado pela *oração*!

Dom Gius descreve a oração de uma maneira um pouco diferente de como a temos em mente, a define de uma maneira mais pretenciosa. Ele diz: «Pedir para ser». «Como liberdade, a natureza de ser partícipe expressa-se [...] como *oração*. Se a liberdade é reconhecimento do Ser como Mistério, a relação de ser participado com Deus é apenas a *oração*». E «a *oração* é pedido, “pedido de ser”. Deus quer que haja alguém que peça para ser».<sup>7</sup> E engana-se quem pensa que se trata de uma mera repetição mecânica de fórmulas, pois Dom Gius define a *oração* como «o posto avançado da humanidade que batalha»,<sup>8</sup> a batalha que é a vida, da vida – nós dissemos: «*Militia est vita hominis super terram!*»<sup>9</sup> – a batalha pela felicidade, a batalha que é a escola, você pode estar lá com a certeza de que Alguém já venceu, de que Jesus já derrotou o pecado e a morte, que está com você e, portanto, a nossa liberdade não é eliminada, mas é chamada em causa para tornar sua e experimentar na própria pele essa vitória, pedindo e rezando como Seve, para dizer o seu próprio “sim”: estou na África, ou faço as malas e volto atrás, ou começo a “batalhar”, a responder o meu “sim”: «Senhor, dá-me a força, como posso responder ao que me pedes, dá-me rostos com os quais caminhar, Sacramentos sobre os quais me apoiar, coração e razão para julgar!». Peço a Ele a força para permanecer na circunstância em que me encontro e para enfrentar “a batalha”, »

<sup>6</sup> 1Jo 1,1-4.

<sup>7</sup> L. Giussani, *Dar a vida pela obra de outro*, Companhia Ilimitada, São Paulo, 2022, p. 43.

<sup>8</sup> L. Giussani, *Avvenimento di libertà*, Marietti 1820, 2002, p. 11.

<sup>9</sup> *Nova vulgata*, Iob 7,1.

» para permanecer na África, para que Ele me faça descobrir o que há para descobrir: «Como posso Te servir? Faz-me ver e aceitar os passos», como na música que acabamos de ouvir, *Vuestra Soy*: “*Que mandais hacer de mí?*” (Que quereis que se faça de mim?). A oração é «consciência do Ideal e pedido ao Ideal que se realize em nós».<sup>10</sup> Vocês ouviram o que Dom Gius disse sobre si em 2001, aos 75 anos, depois de – digo muito mal, desculpem-me – “ter construído tudo o que construiu” que, afinal, foi o Espírito Santo através de Dom Gius. Vejam qual era a postura do seu coração, e que ele nos indicava: «Digo o que a vida me fez aprender. É preciso ter uma grande alma, um grande coração, o das crianças, pois o Senhor disse no Evangelho: “Se não fordes estudiosos como tantos estudiosos, cientistas como tantos cientistas, capazes como tantas pessoas capazes...”». Poderíamos dizer: não “pede uma *performance*”, não pede que alcancemos um certo nível acadêmico, um *mestrado*, mas diz «“se não fordes como crianças, não entrareis jamais” [...] Eu me exorto, sempre me exortei todas as manhãs de meus dias a rezar a Deus, ou seja, a ser criança, pois ser criança quer dizer indicar essa totalidade de posse, a posse que um Outro tem de nós. Um Outro: o Mistério. A expressão desse Mistério em nós é o pedido, é a oração, ou seja, o pedido da oração, a oração como pedido, como mendicância: o homem mendicante de Cristo, tal como Cristo é mendicante do homem. [...] Vivamos a oração como o primeiro posto avançado, o extremo posto avançado da batalha na nossa vida».<sup>11</sup> Não faz muito tempo que vocês eram crianças e certamente se lembrarão que toda a força da criança não está em si mesma, o horizonte da vida da criança é caracterizado pela certeza da presença do pai e da mãe!!! Como vocês poderiam tê-la em si!? A força não está na criança! Suas pernas tremem, como poderia estar?! Mas está na certeza do olhar do pai e da mãe; um a “impele”, a “lança” a dar os primeiros passos, e a outra a espera na chegada! A criança caminha porque mantém o olhar fixo, atrás dela há os braços do pai e, então, timidamente, desajeitadamente, do modo como consegue, começa a caminhar e a dar os passos, esta é a lei de toda a vida, mesmo aos 75 anos: peço para ser como uma criança, inteiramente apoiado na presença d’Ele na companhia eclesial, inteiramente apoiado na força dos Sacramentos! Inteiramente apoiado nos meus passos em direção à solidez da Rocha que é Cristo, como dissemos: vem a chuva, vem o vento, mas eu permaneço apoiado na rocha, Ele garante solidez ao meu caminhar! A “rocha faz a rocha”, o meu “problema”, no caso, será ficar sobre ela e não construir sobre a areia, mas você pensa que está agarrado, que está sobre a rocha. Jesus diz: permaneci no Meu amor!<sup>12</sup> Você viu alguma coisa boa e útil para a sua vida nesta companhia, nestes dias? Fique aí! Que é outra maneira de dizer: como é que tudo pode continuar depois do Tríduo, quando você voltar para casa? Permaneça. Permaneça nessa companhia com esse pedido, mantendo-se apoiado em ambos os lados, como o Seve disse: companhia guiada e oração (Sacramentos). Permaneça. Acho que essa dinâmica pode ser resumida com uma única palavra: *vocação*

Vocação! A nossa vida é vocação, é vocação desde a nossa concepção: nenhum de nós teve um “chamado prévio”: «Olhe, o que você quer fazer? Quer nascer no dia 15 de outubro de 1922? (aniversário de Dom Gius!)». Cada um de nós foi chamado ao ser. Através do amor sensível dos nossos pais, um Amor maior nos chamou a este mundo e fomos inseridos num grande fluxo, o grande rio dos batizados; através do batismo Ele nos escolheu, nos invocou, nos chamou pelo nome.<sup>13</sup> Então, o segredo da vida é que ela é vocação, é resposta contínua »

<sup>10</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*, Marietti 1820, Gênova, 1999, p. 100.

<sup>11</sup> L. Giussani, «Que a oração se torne o posto avançado da nossa humanidade», Passos, Out/2002, Palavra entre nós.

<sup>12</sup> Cfr. Jo 15,9.

<sup>13</sup> Jo 15,16-17: «Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi e vos designei, para irdes e produzirdes fruto, e para que o vosso fruto permaneça. Assim, tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vos dará. O que vos mando é isto: que vos ameis uns aos outros».

» a Alguém que me chama... mas, agora, como me chama? Como está me chamando? Pensemos sempre na Virgem Maria a quem Jesus se dirigia nas Suas necessidades cotidianas e a resposta dela era sempre: «Faça-se em mim segundo a Tua palavra»,<sup>14</sup> ou seja, estou disponível para viver a relação Contigo, dentro do que acontecer, confio em Ti. E quando Jesus nasceu, eles conversavam como uma mãe e um bebê, e depois como uma mãe e um menino, e depois como uma mãe e um homem adulto: Jesus, o que você vai fazer hoje? Qual o seu programa? E Jesus com certeza respondeu como um filho responde a uma mãe: «Hoje vou sair com Pedro, vamos ficar fora por alguns dias; hoje vou à casa de Lázaro, Marta e Maria, em Betânia; hoje vou ao mar da Galileia». E Maria deve ter respondido: «Tenha cuidado. Você precisa de alguma coisa, quer que eu prepare alguma coisa para você?». Ou seja, Maria respondia à relação com Jesus naquilo que era chamada a fazer, assim como nós devemos fazer. Eu, nós, somos chamados a viver diversas circunstâncias, como a família, a escola, o futebol, a música, a fila no trânsito, a Missa, a ceia de Natal e o almoço de Páscoa, as amizades, mas dentro dessas circunstâncias eu vivo a relação com Deus, dentro da relação com a realidade respondo à Realidade que é Deus. Agora Tu me pedes para estudar, muito bem: «Faça-se em mim segundo a Tua palavra». Como é bonito se colocar, entrar numa circunstância respondendo a Alguém, estudar não porque “preciso tirar 10” ou “porque senão meus pais não me deixam sair” ou “porque senão não vou poder usar a Scooter”, ou “porque, senão, o que vou valer aos olhos dos outros?”, mas porque eu quero crescer, porque é um amor por mim mesmo, porque eu respondo a Alguém e, respondendo a Ele, alegro-me em fazer o que sou chamado a fazer. Com quanto amor a Virgem Maria deve ter preparado os “sanduíches” para Jesus e São Pedro, com quanto carinho e dedicação... a mesma que eu posso colocar no estudo, ou nas amizades ou no namoro! «Senhor, eu respondo a Ti neste momento em que estou estudando grego, ou mecânica, ou ciência dos alimentos, ou que tenho de organizar uma noite de cantos com meus amigos dos Colegiais». Esta é a vida como vocação: responder e, enquanto respondemos, ser sinal da presença d’Ele no mundo. Esta é a nossa vocação: um chamado de cada um à santidade! Depois, é claro, cada um, vivendo, na oração e no diálogo com adultos designados, descobrirá o seu modo particular de servir ao bom Deus, o seu modo de cooperar com Ele nessa *história que continua*. Quem sabe como poderei ser instrumento para que outros encontrem o que eu encontrei, construindo uma família ou abraçando o caminho dos *Memores Domini*, ou do sacerdócio, missionário ou diocesano, da vida religiosa. Na árvore da nossa história brotaram diversos flores e frutos! Quem sabe onde vocês estarão daqui a 10 anos!?

E, aqui, abro um parêntese: se a questão da «preferência» não for abordada em sua natureza e do modo como Giussani fala dela, pode se tornar algo patológico, nos deixar confusos, pode se transformar numa pretensão que pode nos matar! A preferência não é o que nós pensamos, é a maneira como Deus ama cada um de Seus Filhos pessoalmente; a maneira como Deus ama é preferindo você, *sic Deus dilexit mundum*<sup>15</sup>: estimo, tenho predileção, amo, prefiro. Todo amor é uma eleição, uma escolha, mas cada um de nós é preferido! Preferiu Pedro. Preferiu João. Preferiu Zaqueu. Preferiu Bartimeu. Cada um foi amado de modo particular: amou São João de um certo modo, e a mim, de outro! Mas amando a cada um, ou seja, preferindo a um envolve todos em uma missão e, portanto, a preferência nunca é exclusiva, ao contrário, abraça a todos! Não é «preciso que uma pessoa me olhe 24 horas por dia, senão significa que não sou preferido e ninguém me estima!»! Não é «Bem, eu sou preferido; você, se arranje». Cada um é escolhido por Deus e amado por Deus para anunciar, para envolver outros, Ele me chamou, me preferiu, para que eu chame outro! Para que eu ame o outro »

<sup>14</sup> Lc 1,38.

<sup>15</sup> *Nova Vulgata*, Io 3,16.

» como Ele me amou, e quanto mais surge uma preferência na amizade, tanto mais ela escancara, tanto mais mil outras pessoas passam a ser abraçadas dentro dessa relação. Nós também estamos inseridos na amizade, no abraço de Jesus aos Apóstolos!<sup>16</sup> Jerusalém para todos os povos!<sup>17</sup> Ele não disse: bem, vamos fazer um *clube privado* com os 12... os outros que se arranjam! Não, daqueles 12, mais 12, e por aí vai... até chegar a nós! É uma amizade que tem como método o amor da predileção... Se não tem um respiro mais abrangente, a preferência também morre, porque sufoca, falta o ar! A garrafa, super cheia de água ou de excelente vinho, transborda e sacia a sede de quem quer beber ou provar um bom vinho. Vocês entendem que o chamado de cada um é para todos!? E todos são amados por Deus pessoalmente, não como uma massa indistinta. A água brota e enche outra garrafa que, por sua vez, transborda e enche outra vida e depois outra! Somos o tubo, somente o duto por onde a Graça de Cristo atua; na planta, a água flui e sacia a sede, rezemos para não sermos um empecilho!

Pequenas e grandes escolhas esperam por vocês, mas peço que a oração mais presente, mais repetida e renovada todas as manhãs seja «Faça-se em mim segundo a Tua palavra», que seja o pedido de uma disponibilidade em colaborar com o chamado d'Ele, segundo os sinais, os acontecimentos que o bom Deus nunca deixa faltar no decorrer do caminho. Olhem como o Papa descreve a descoberta da sua vocação: «Uma coisa estranha aconteceu durante aquela confissão, que mudou a minha vida: foi a surpresa, o estupor de um encontro, dei-me conta de que Ele já estava me esperando. Esta é a experiência religiosa: o estupor de encontrar alguém que está esperando por você. A partir daquele momento, entendi que Deus é Aquele que antecipa. Você o está buscando, mas Ele te encontra primeiro. [...] Sempre me tocou muito uma leitura do Breviário que diz que Jesus olhou para Mateus com um olhar que poderíamos definir como “de misericórdia e de eleição”. Foi justamente assim que me senti olhado por Deus naquela confissão. E é assim que Ele me pede para olhar para os outros: “Eu o chamo pelo nome, você foi escolhido e a única coisa que lhe é pedida é que se deixe amar”. Essa é a proposta que me foi feita».<sup>18</sup>

Agora, vou ler uma carta que “completa” a carta que ouvimos ontem e que mostra bem a dinâmica que acabou de ser descrita de um dom recebido que é para todos. Ouçam o que gerou o que parecia ser apenas uma circunstância de morte (precisamente, “libertados da morte”)... a filha, com simplicidade, convidou os colegas de classe para o funeral da mãe e olhem o que aconteceu com uma das meninas que esteve presente. O que eles viram? A razão é a mesma para todo homem e, quando não os censura, ela está diante dos fatos questionando-se e até tirando conclusões. Esta colega de escola viu a amiga nos dias que antecederam o funeral, depois a viu no próprio dia, não conheceu a mãe diretamente (isso também é interessante: método de conhecimento indireto), em suma, Federica escreveu: «Levarei sempre no meu coração o funeral de Caterina porque me subverteu como um furacão [mas naquela manhã, assim que se levantou, o que essa menina sabia do que lhe aconteceria, do que teria compreendido? Ela não poderia “produzir” um resultado, simplesmente teve a preocupação de responder a um convite, de pedir um coração disponível para aprender mesmo numa »

<sup>16</sup> At 10,34-35: «Então, Pedro tomou a palavra: “De fato”, disse, “estou compreendendo que Deus não faz distinção de pessoas. Pelo contrário, ele aceita quem o teme e pratica a justiça, qualquer que seja a nação a que pertença”».

<sup>17</sup> Cântico de Tobit Tb 13,8.10-11: «Bendizei o Senhor, todos os eleitos, louvai a sua majestade. Celebrai dias de alegria e proclamai-o. Jerusalém, cidade santa [...] Ele faça feliz em ti felizes todos os exilados, ame em ti todos os infelizes, por todos os séculos dos séculos. Uma luz fulgente brilhará em todos os confins da terra! Muitas nações virão a ti de longe; e das extremidades da terra, para o seu santo Nome, tendo em suas mãos ofertas para o Rei do céu; gerações de gerações virão dar-te alegria e o nome da Eleita permanecerá pelos séculos dos séculos».

<sup>18</sup> Cfr. *O Papa Francisco. Conversas com Jorge Bergoglio. Francesca Ambrogetti e Sergio Rubin*, Verus Editora, São Paulo, 2013.

» circunstância tão dolorosa, um coração de criança, como dissemos antes] e deixou ainda mais evidente a presença de Cristo vitorioso na minha vida [ela não viu Deus nas alturas dos Céus, mas O viu vitorioso nas pessoas que estavam num funeral... mais concreto do que isso, mais material do que isso, mais dentro da história do que isso??!!]. Aquele funeral foi, para mim, o momento de máxima luz. Aquele brilho não vinha de mim, mas de Martina, que esplendia o rosto de Cristo». Creio que ela não teve visões, alucinações que a fizeram pensar ter visto o rosto de Cristo materializado na sua frente, mas evidentemente a colega de classe, através do rosto da amiga, viu brilhar a luz proveniente de outro Rosto, assim como a lua e o sol: a lua não tem luz própria, apenas reflete a luz do sol, a lua absorve e recebe toda a sua luz do sol e, portanto, quem vê a lua tem certeza de que aquela luz vem de um Outro. A colega de classe percebeu que a amiga, apesar da dor, estava olhando para o Rosto de Deus, de um Outro! Mas como? Estava triste pela perda da presença materna e, no entanto, foi instrumento disso para outra pessoa! Nós polarizamos tudo, fiquem atentos para não polarizar (se há fê não há razão ou vice-versa), se há dor então não há alegria; mas não, está tudo junto, as polarizações nunca ajudam, aliás, mesmo na dor outro Rosto transparecia no rosto da amiga. Lembrem-se: até mesmo um elemento verdadeiro, se tornado absoluto, nos tira do caminho! Para dizer a verdade, a imagem da lua ainda não é suficiente, porque continua sendo algo exterior, externo, como o bronzeado da pele, mas Cristo está *em* nós, Ele é uma luz *em* nós: o Espírito Santo entra em nós e ilumina a partir de dentro, o rosto é como que vivificado, iluminado, *a partir de dentro*! Lembrem do abajur na mesa de cabeceira? Uma lâmpada interna, com o quebra-luz em volta! Do mesmo modo, os nossos olhos, nosso rosto fica luminoso, radiante, mas de dentro! Somos templos do Espírito Santo! De fato, Dom Gius gostava de repetir: «Manifestarei a potência do meu nome pela letícia de seus rostos»!<sup>19</sup> Do rosto feliz de vocês. Esta é a maior forma de testemunho: tanto na dor, quanto na alegria, sou feliz! São Paulo disse: «Transbordando de alegria, em todas as nossas aflições»!<sup>20</sup> Como é possível se alegrar no sofrimento? A carta continua: «Vê-la forte em Cristo [não era uma capacidade dela, mas ela se apoiava na Rocha!], me transmitiu uma grande força e plenitude. Eu, tão pequena diante da imensidão que é Deus, entendi que a minha pequenez tem sentido porque sou amada e porque amo. Portanto, sou salva!». Federica nunca teve o prazer de conhecer Caterina, mas no dia de seu funeral ela entendeu que mesmo uma pessoa que não está mais presente pode ser conhecida através do testemunho de outros, e isso é profundamente razoável! Leio: «Caterina amava a sua família, os seus amigos e senti esse amor ao meu redor quando vi a igreja cheia de pessoas que estavam ali para acompanhá-la ao banquete nupcial com o Pai. Quando fui abraçá-la, foi Martina quem me consolou com estas palavras: “Cristo vence, que grande glória nos mostrou hoje!”. E realmente é verdade». Cristo vence e nos salva. O funeral tornou-se, para ela, uma ocasião, um encontro com Ele. «Sou grata a Caterina porque moveu dentro de mim algo que é difícil explicar, mas que me arrasta com muita força e poder. Eu realmente espero doar aos outros o que estou experimentando, assim como ela fez em vida e continua fazendo lá de cima».<sup>21</sup>

Antes de concluir com a última carta, quero dizer uma última coisa: quando Jesus foi crucificado e colocado no sepulcro, havia alguém, um poder que gostaria de impedi-Lo de ressuscitar!

E aqui está a nota antes de encerrar: isso nos permite perceber que o campo da história não é neutro, não é composto apenas pelo eu e por Deus, existe também o Adversário, o Inimigo, o poder do momento que se torna cúmplice dele, o Mundo – como diz São João –, que é »

<sup>19</sup> Cfr. L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, op. cit., p. 142.

<sup>20</sup> 2Cor 7,4.

<sup>21</sup> *A dor abraçada*, carta assinada, «Tracce», n.º 5/2023, p. 5.

» tudo o que se opõe à luz, à verdade, à vida, à ressurreição e aos que pertencem ao Povo, ao Corpo do Ressuscitado, que quer que nos separemos, διάβολος, que nos dividamos: «No dia seguinte, já terminado o dia da Preparação, os sumos sacerdotes e os fariseus foram ter com Pilatos e disseram [olhem como conspiram, como tentam silenciar o que, na verdade, deveriam admirar! Vocês também precisam lidar com essa ação do poder das trevas que insinua que a verdade não existe: “O que você está falando sobre a verdade, no máximo pode ser mera opinião, a verdade não existe, essas coisas são apenas invenções da Igreja!”]: “Senhor, lembramo-nos de que esse impostor, quando ainda estava vivo, disse: ‘Depois de três dias, vou ressuscitar’. Manda, portanto, assegurar o sepulcro até ao terceiro dia, para não acontecer que os discípulos venham roubar o corpo e digam ao povo: ‘Ele ressuscitou dentre os mortos’, pois essa última impostura seria pior do que a primeira!”. Pilatos respondeu: “Tendes uma guarda. Ide e guardai-o em segurança como bem entendeis” [Pilatos, agindo de modo político, já tinha lavado as mãos sobre a veracidade, dizendo: “Escolham vocês se querem Jesus ou Barrabás, não me importa, desde que não haja tumultos e confusões... que me façam passar por cima do meu posto!”; e continua da mesma maneira, jogando o jogo do “passar a toalha”: “Vocês têm os guardas do Templo, bem, então usem-nos e os coloquem na frente do túmulo!"]. Então saindo, puseram em segurança o sepulcro, lacrando a pedra e colocando a guarda [ou seja, lacrem tudo com silicone, assim ele não poderá ressuscitar!].»<sup>22</sup>

Mas como impedir que a verdade exploda e circule por todas as estradas do mundo?!? Hoje, esse poder ainda existe e, por isso, é preciso ser prudentes e saber que a *vida como vocação* também terá de lidar com esse aspecto da vida! Há tantas maneiras pelas quais a verdade é lacrada... Hoje, enquanto estamos aqui em Rímini reunidos pacificamente num Pavilhão, o panorama geral do mundo nos mostra a vida dos membros de nosso próprio corpo que vivem na Nicarágua e que são perseguidos, olhem o que está acontecendo enquanto estamos aqui entre as “conversas boas e as festas”: «“Nicarágua, uma Igreja perseguida”, por quê? Alguém tem de documentar essa tragédia. A ditadura começou o ano de 2023 de modo muito agressivo, proibindo todas as atividades de piedade popular, as procissões e os terços, que sempre aconteciam nesse período. Antes havia “apenas” as profanações, os furtos, as “pichações” nas casas paroquiais e nas igrejas, com mensagens de ódio como “padre terrorista”, “padre estuprador”, “vamos te matar”, etc. Pude identificar 13 padres que foram ameaçados com armas apontadas para a cabeça pela Polícia Nacional, por paramilitares e pelo CPC, grupos clandestinos que têm autoridade para fazer absolutamente tudo e têm impunidade porque o regime os protege. O ano que registrou o maior número de ataques foi 2022, que terminou com 140 ataques contra a Igreja. Em 2018 tivemos 81, em 2019 76, em 2020 58 e em 2021 54. Portanto, o ano passado foi o mais nefasto para a Igreja. E 2023 deve ser pior. Hoje, os nicaraguenses, incluindo a Igreja Católica, estão de mãos e pés atados porque o Estado, que deveria ser o garante, o protetor dos nossos direitos humanos, é justamente o que os está violando. Um bispo nicaraguense, Rolando José Ivarez Lagos, opositor do governo do presidente Daniel Ortega, foi condenado a 26 anos e 4 meses de prisão, privado de sua nacionalidade e de seus direitos como cidadão, que foram suspensos por toda a vida».»<sup>23</sup> Então, também é preciso levar em conta que a nossa vocação e o nosso testemunho passam pelo martírio, se não vermelho como sangue, pelo menos branco. São Pedro foi crucificado de cabeça para baixo, São Paulo teve a cabeça cortada.

Como descrever plasticamente tudo o que dissemos até agora, que a vida é vocação, que a relação com Deus é vivida na circunstância, que a nossa vida é chamada a uma missão, »

<sup>22</sup> Mt 27,62-66.

<sup>23</sup> P. Manzo, *A mulher que quebrou o silêncio sobre a perseguição aos cristãos na Nicarágua*, «Tempi», 16 de janeiro de 2023.

» que vivemos para a Verdade e que há pessoas e estruturas de pessoas que se opõem a ela?

A seguir, o testemunho de Shahbaz Bhatti, o ministro paquistanês para Minorias Religiosas morto em 2 de março de 2011 por um comando que, naquele dia, parou seu carro quando estava a caminho do trabalho e o crivou de balas. Eles o “puniram” porque estava tentando modificar a Lei sobre a blasfêmia que, em 25 anos de vigência, custou a vida de centenas de cristãos e, naquele período, levou uma mãe cristã, Asia Bibi, a ficar presa por muitos anos. Vamos ouvir o testamento espiritual deste homem (ele já tinha recebido várias ameaças de morte, se viu na mesma situação do Seve, poderíamos dizer: «Vou fazer as malas, pedir de missão e vou viver num país mais tranquilo, porém...»):

«O meu nome é Shahbaz Bhatti. Nasci em uma família católica. Meu pai, professor aposentado, e minha mãe, dona de casa, me educaram segundo os valores cristãos e os ensinamentos da Bíblia, que influenciaram a minha infância [até aqui, cada um de nós poderia se sentir descrito!].

Desde menino, tinha o costume de ir à igreja e encontrar profunda inspiração nos ensinamentos [porque a fé precisa não só do testemunho, mas também dos ensinamentos. De fato, Jesus “fez e ensinou”, vida e doutrina, verdade e caridade; um sem o outro não existe, nunca polarizar!], no sacrifício e na crucificação de Jesus. Foi o amor de Jesus que me levou a oferecer meus serviços à Igreja. As espantosas condições nas quais se encontravam os cristãos do Paquistão me perturbavam. Recordo uma sexta-feira de Páscoa [olhem o que pode nascer de uma simples sexta-feira de Páscoa, a que vivemos ontem!] quando tinha somente treze anos [não vamos cair imediatamente na medida de uma *performance*: “Bem, aos 13 anos ele já tinha entendido essas coisas, eu não”... Em vez disso, lembremo-nos de pedir a simplicidade de uma criança: “O que posso aprender com ele? O que posso pedir a Deus para a minha conversão?”]: escutei um sermão sobre o sacrifício de Jesus para a nossa redenção e para a salvação do mundo [o ABC do cristianismo: Jesus, Deus, morre na cruz por você! Deixou-se atingir, não foi impermeável à realidade, não desligou o som!]. Pensei em corresponder [esta é a vida como vocação!] aquele seu amor, doando amor aos nossos irmãos e irmãs, pondo-me a serviço dos cristãos, especialmente dos pobres, dos necessitados e dos perseguidos que vivem neste país islâmico [vejam que não há contradição entre preferência e missão: descobri uma coisa e coloco-a a serviço dos outros! Eu sou instrumento de eleição para o outro, para os outros!].

Foram-me oferecidas altas honrarias e cargos no governo para que eu desistisse de minha luta [*milícia est vita hominis...* deixe para lá, fique em casa, não se intrometa... viria a tentação de dizer “pense apenas nas festas e no videogame, encha-se de Séries de TV e *deixe essas chatices de lado*”], mas eu sempre refutei, até mesmo com o risco de perder a minha vida. Minha resposta sempre foi a mesma: Não! Quero servir a Jesus como qualquer outra pessoa [ele não pensava na *performance*, na carreira de Ministro, na carreira profissional: quero ser um homem comum, servir a Jesus... depois, se eu for Ministro, vou servi-Lo como Ministro, se abrir um restaurante, O servirei abrindo um restaurante, se eu for padeiro, fazendo bem o pão! Servir a Jesus naquilo que fazemos].

Essa entrega me faz feliz. Não quero popularidade, nem posições de poder. Eu só quero um lugar aos pés de Jesus! Quero que minha vida, meu caráter, minhas ações mostrem que sou um discípulo de Jesus Cristo [a vida e a fé não são duas linhas paralelas que nunca se encontram, mas ao contrário, coincidem: que a minha vida seja anúncio de Cristo!]. Esse desejo em mim é tão grande que eu consideraria uma honra se Jesus aceitasse o sacrifício da minha vida em defesa dos que sofrem, dos pobres e dos cristãos perseguidos no Paquistão. Quero viver por Cristo e por Ele quero morrer [como o testemunho de ontem sobre a mãe, lembram? Quer eu viva, quer eu morra, sou Teu!]. Não experimento nenhum medo neste país. Muitas vezes os extremistas desejaram me matar, prender-me; me ameaçaram, ater- »

» rorizaram a minha família. Eu digo que, enquanto eu tiver vida, até o meu último suspiro, continuarei a servir Jesus e esta pobre, sofrida humanidade, os cristãos, os necessitados, os pobres. Quero dizer que encontro muita inspiração na Bíblia Sagrada e na vida de Jesus Cristo. Quanto mais leio o Novo e o Antigo Testamentos, os versículos da Bíblia e a palavra do Senhor, mais se revigora a minha força e a minha determinação. Quando reflito sobre o fato de que Jesus Cristo sacrificou tudo, de que Deus enviou Seu próprio Filho para a nossa redenção e salvação, me pergunto como eu posso seguir o caminho do Calvário. Nosso Senhor disse: “Vinde Comigo, tomai a vossa cruz e segui-Me” [lembram-se do “vinde e vede” de ontem? Viva a vida que você tem de viver, com as suas cruzes, mas o que o mantém de pé é o relacionamento Comigo]. As passagens que mais amo da Bíblia dizem: “Eu estava com fome e me destes de comer; estava com sede e me destes de beber; eu era forasteiro e me recebestes em casa; estava nu e me vestistes; doente e cuidastes de mim; na prisão, e viestes até mim”. Então, quando vejo pessoas pobres e necessitadas, penso que debaixo da aparência delas é Jesus quem vem ao meu encontro. Por isso, procuro sempre ajudar, junto com meus colegas, levar assistência aos necessitados, aos famintos, aos sedentos. Creio que os necessitados, os pobres, os órfãos, qualquer que seja a sua religião, serão considerados antes de tudo como seres humanos. Penso que aquelas pessoas sejam parte do meu corpo em Cristo [antes de ir embora, vamos nos despedir, alguns vão voltar a Milão e outros à Sicília, mas como é diferente a despedida quando reconhecemos que o outro é parte do mesmo Corpo eclesial, é parte de mim, parte da minha vida], que sejam a parte perseguida e necessitada do corpo de Cristo. Se nós levarmos a termo esta missão, então nós ganharemos um lugar aos pés de Jesus e eu poderei olhá-Lo sem sentir vergonha». <sup>24</sup>

Quero concluir citando um trecho de um discurso do Papa Francisco, que nos interroga de modo muito próximo:

«Queridos jovens, não viemos ao mundo para “vegetar”, para transcorrer comodamente os dias, para fazer da vida um sofá que nos adormeça; pelo contrário, viemos com outra finalidade, para deixar uma marca. É muito triste passar pela vida sem deixar uma marca [aliás, nossa revista se chama *Passos*, deixar uma Pegada)]! Mas, quando escolhemos a comodidade, confundindo felicidade com consumo, então o preço que pagamos é muito, muito caro: perdemos a liberdade. Não somos livres para deixar uma marca. Perdemos a liberdade. Este é o preço. E há tantas pessoas [justamente o poder mencionado acima e que também age em nós: vamos selar este Tríduo no túmulo das lembranças, vamos colocá-lo na gaveta das lembranças, vamos impedir que faça a nossa vida explodir!] cuja vontade é que os jovens não sejam livres, há tantas pessoas que não vos amam, que vos querem entontecidos, pasmados, adormecidos, mas... livres, nunca. Não; isso não! Devemos defender a nossa liberdade! É precisamente aqui que existe uma grande paralisia: quando começamos a pensar que a felicidade é sinônimo de comodidade, que ser feliz é caminhar na vida adormentado ou narcotizado [talvez alguém entre nós já tenha passado pela escuridão das drogas e dos entorpecentes para se anestesiarem da realidade; não encontrando o fio da meada que é a vida, caiu ali, ficando ainda mais enrolado!], que a única maneira de ser feliz é estar como que entorpecido [na discoteca dançando, bebendo ou se drogando]. É certo que a droga faz mal, mas há muitas outras drogas socialmente aceitáveis, que acabam por nos tornar em todo o caso muito mais escravos. Umhas e outras despojam-nos do nosso bem maior: a liberdade. Despojam-nos da liberdade». <sup>25</sup>

Como ele nos disse no último dia 15 de outubro, na Praça São Pedro: “Arda no vosso »

<sup>24</sup> *Testamento Espiritual de Shahbaz Bhatti*, «Tempi», 2 de Janeiro de 2012.

<sup>25</sup> Francisco, *Discurso durante o Vigília de oração na Jornada Mundial da Juventude*, Cracóvia, 30 de julho de 2016.

» coração esta santa inquietude profética e missionária». <sup>26</sup> Este povo que nos circunda, esta companhia tem apenas uma tarefa: apoiar-nos na nossa vocação, apoiar-nos na nossa oração, apoiar-nos no nosso juízo, sustentar-nos no testemunho! Peço que abram o Livreto na página 82 para rezarmos juntos a oração do Beato Newman, que também pode estar nas nossas orações não nos próximos três dias, mas nos próximos 80 anos! Rezemos juntos:

«Ó, Jesus, ajuda-me a espalhar o Teu perfume aonde quer que vá. Inunda a minha alma com o Teu Espírito e Vida. Adentra-me e possui todo o meu ser para que toda a minha vida seja uma irradiação da Tua. Ilumina através de mim e permanece tão dentro de mim que cada pessoa com quem eu entre em contato possa sentir Tua Presença em minha alma. Permite que ao me ver, não vejam a mim, mas somente a Ti, Jesus! Permanece em mim. Assim, resplandecerei com Teu próprio resplendor, para que meu resplendor sirva de luz para os outros. E minha luz virá toda de Ti, nem o mais leve raio será meu. Serás Tu quem resplandecerá sobre os outros através de mim. Brilhando sobre os que me rodeiam, permite-me louvar-te como Te agrada. Que eu não Te pregue com palavras, mas por meio do meu exemplo, da força de atração, da influência harmônica de tudo o que eu fizer, da inefável plenitude do amor que meu coração recebe de Ti. Amém».

E concluo com a frase do Cartaz de Páscoa de 2023: cada um de nós, depois desses três dias, pode recomeçar!

«Recomeçar é uma palavra muito próxima da palavra mais cristã, da palavra final cristã: “ressurgir”, “ressurreição”. Quantas vezes relembramos que é por isso mesmo que a Páscoa é o mistério principal, o grande mistério da vida cristã! É graças Àquele que está entre nós que cada um de nós retoma, cada um de nós recomeça, cada um de nós renasce, cada um de nós ressurgir». Como vocês sabem, do dia de Páscoa até o dia de Pentecostes não se reza o *Angelus*, mas explode o cântico da letícia [alegria], o *Regina Coeli*, uma oração em que nos dirigimos à Virgem Maria dizendo-lhe para “alegrar-se” porque Seu Filho ressuscitou, não ficou no sepulcro: então, ao rezar, pensemos em Maria, no que Ela viveu, cujo rosto foi marcado e franzido por lágrimas ao ver o Filho julgado, flagelado, condenado e, depois, na cruz. Imaginemos o rosto d’Ela quando O vê ressuscitado, agora que O vemos ressuscitado.

<sup>26</sup> Francisco, *Discurso aos membros do Movimento de Comunhão e Libertação*, 15 de outubro de 2022.